

## APRESENTAÇÃO

### Infâncias na Amazônia

Com frequência nos deparamos com as crianças e com o tema da infância, estejam estes presentes durante as atividades de campo, como também, através de personagens presentes em diferentes obras literárias e, para muitos pesquisadores, essas infâncias não passam despercebidas, pois representam formas diferenciadas de compreender contextos sociais desse mosaico cultural e social que é a Amazônia. Por sua vez, o contexto amazônico configura-se como o cenário facilitador à apresentação das crianças como atores sociais envolvidos culturalmente com seus espaços de convivência, através das trocas de saberes com seus pares (adultos, idosos e outras crianças).

Realizar pesquisa com e sobre crianças é lidar com diferentes formas de linguagens que conduzem a compreensão do *Ser* criança e dos contextos sociais que as diferentes infâncias vivenciam. Crianças que contribuem para a apresentação de uma Amazônia rica em símbolos, ritos, histórias e representatividade, preenchendo um cenário que pulsa divergências e conflitos, muitos destes já apresentados no campo literário e outros ainda na sombra cotidiana de seus contextos.

Nessa perspectiva, a Amazônia em seu amplo campo de contribuições socioculturais também deve ser apresentada a partir de leituras do mundo que envolvam as crianças, estas que estão, com mais frequência, sob os olhares de pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento. Assim, o presente dossiê promove o debate acadêmico com trabalhos que trazem reflexões sobre os estudos das crianças e das infâncias nos mais diferentes contextos sociais.

É válido destacar a crianças aqui apresentada enquanto pertencentes a diferentes infâncias, de um contexto amazônico comum, mas envolta em distintos elementos culturais. James e Prout<sup>1</sup> (1990) delimitam princípios básicos para compreensão das crianças e suas infâncias, enquanto uma variável de análise social, que visualize as crianças enquanto ativas, na construção social de seus contextos. Assim, aqui apresentamos os atores sociais pertencentes ao grupo geracional da infância e que apresentam uma autonomia representacional própria, resultado de suas vivências sociais e culturais.

A criança enquanto protagonista e colaboradora é o que encontraremos com frequência nos trabalhos que serão apresentados. A criança que não apenas é apresentada nas escritas

---

<sup>1</sup> JAMES, A.; PROUT, A. Re-Presenting Childhood: time and transition in the study of Childhood. In: JAMES, A.; PROUT, A. *Constructing and reconstructing childhood*. Basingstoke: Falmer Press, 1990.

literárias, mas que se destaca como narradora, é o que encontraremos no artigo que inicia esse dossiê, intitulado **A criança narradora e as narrativas de tradição oral**, de Cristiane do Socorro Gonçalves Farias, trabalho realizado sob a perspectiva do narrador infantil, com narrativas sobre a Cobra grande e o Boto contada por uma criança ribeirinha do rio Canaticu, em Curralinho na Ilha do Marajó. Dialogando paralelamente com autores que discutem as narrativas de tradição oral e discussões sobre o imaginário.

Seguimos com o artigo, **Crianças indígenas e os saberes de infância entre os Tenetehara**, dos autores Lena Cláudia dos Santos Amorim e Marcos Murrelle Azevedo Cruz, que apresentam como a infância indígena é vivenciada na prática cotidiana do povo Tenetehara, terra indígena localizada no Alto Rio Guamá (TIARG), considerando a oralidade como fator primordial no ensino-aprendizado, especificamente o conhecimento institucionalizado, verificando as atribuições que são destinadas as crianças no espaço da escola formal. Pensa-se a infância como um momento diferenciado da vida, pois as crianças estão envolvidas em todo processo cultural e social do grupo, contribuindo com diferentes atividades de acordo com a faixa etária e os saberes adquiridos.

Na sequência, apresentamos o **Discurso de crianças em situação de vulnerabilidade social entre escola, lixão e trabalho infantil**, dos autores Ana Paula Vieira e Souza e Francisco Pereira Oliveira, que enfatizam os discursos de crianças sobre escola, lixão e trabalho infantil, que frequentam uma Escola da Rede Estadual da periferia do Município de Bragança, localizada no entorno do Lixão do Rocha. Os discursos das crianças revelam seus desejos, sonhos e perspectiva de vida, opiniões que apresentam família, escola, e os trabalhos realizados no lixão. Evidenciando as consequências do trabalho infantil, como fator prejudicial e muitas vezes impeditivo ao brincar, além das situações degradantes e humilhantes, como risco a saúde e a vida.

Em **O brincar e as relações de gênero entre meninas e meninos na educação infantil desvelados pela linguagem fotográfica**, sob autoria de Naire Gomes de Sousa, Ana Paula Vieira e Souza e Norma Cristina Vieira, temos um espaço de discussão objetivo, que faz uso da linguagem fotográfica, para apresenta as relações de gênero construídas por crianças no espaço escolar. As observações foram realizadas no momento “Brincadeira Livre” na Creche Ana Sousa, Bragança-PA, com enfoque nas possíveis relações de gênero, a partir do brincar e manuseio de artefatos culturalmente impregnados de sentidos *do que é de menina* e *do que é de menino*. Evidenciando, assim, a brincadeira como um espaço rico para refletir sobre a equidade de gênero na pré-escola.

Em **Sexualidade na infância: uma leitura do “Complexo de Édipo” no conto “Como as rãs” de Haroldo Maranhão**, do autor Francisco Pereira Smith, nos debruçamos sobre uma reflexão acerca da sexualidade na infância a partir de um conto da obra *Jogos Infantis*, do escritor paraense Haroldo Maranhão. A narrativa traz como pano de fundo o cotidiano de uma família classe média e as descobertas sexuais de um garoto. Para essa discussão, o autor dialoga com a teoria de Sigmund Freud sobre o Complexo de Édipo que compreenderá na narrativa as ações do personagem principal.

Na sequência o leitor poderá acompanhar as discussões apresentadas em **Violência e liberdade na infância: uma leitura de *Conversa de bois de Guimarães Rosa e Estória da galinha e do ovo de José Luandino Vieira***, autoria de Liliane Batista Barros, que representa as infâncias que vivenciam contextos conflituosos, apontando a violência e a busca pela liberdade vivenciada pelas crianças nas duas narrativas. A autora sustenta a análise, principalmente, em SCHØLLHAMMER (2013) acerca da violência, em LORENZ (2002) e BOSI (2002) sobre a resistência. Verificando as semelhanças entre os dois autores no tratado a resistência tanto pelo tema quanto pela escrita e na forma como as crianças resolvem os conflitos vivenciados.

Na **Sessão Livre**, apresentamos **Los mitos del agua: un estudio comparativo entre mitos amazônicos del Brasil y Perú**, dos autores Rosana Moraes Pascoal e José Guilherme dos Santos Fernandes, nos fazendo debruçar sobre a literatura construída a partir das narrativas orais da Amazônia brasileira e peruana, principalmente, os mitos relacionados a água em Iquitos e Santarém. Destacando a importância das narrativas para aproximar as diferentes perspectivas culturais, das tradições orais da Amazônia, além da preservação de uma memória que vem se deteriorando ao longo dos anos.

Na sequência, discutindo as questões ambientais e sua relação com os saberes, Neila de Jesus Ribeiro Almeida e Dulcídeia da Conceição Palheta trazem discussões pertinentes

sobre a conservação ambiental, em **Saberes locais como alternativas de conservação ambiental**, evidenciando a importância do manejo sustentável por todas as populações que habitam tradicionalmente áreas de floresta. As autoras, mais especificamente, se debruçam em apresentar os modos de vida da população residente na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Alcobaça, Unidade de Conservação localizada no lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, no estado do Pará, em um cenário já fortemente impactado pelo empreendimento hidrelétrico, verificaram o uso e acesso aos recursos comuns, e os saberes e prática locais a partir do contexto da conservação ambiental.

E para saborear um pouco mais dos elementos culturais do contexto amazônico, os autores Cecília Nascimento Ferreira, Helena Doris de Almeida Barbosa e Sandreson Marcelo Pereira da Silva apresentam **A memória da gastronomia e o turismo na Bragança amazônica**. Os autores trazem discussões referentes a memória, direcionado as questões gastronômicas e como essa se torna um produto turístico, trabalhando a vivência cultural e patrimonial de populações rurais do nordeste paraense, que têm como ponto comum o cultivo e uso de derivados da mandioca (*Manihot utilissima*) enquanto elemento básico da alimentação amazônica. Além da elaboração de um roteiro gastronômico alternativo para o município de Bragança.

A **crônica etnofotográfica** de Maria do Socorro Braga Reis, intitulada **Infância no Mar Salvador**, valendo-se da poética da linguagem e da infância, nos apresenta o cotidiano das crianças de Apeú Salvador, sua relação com o mar e com o trabalho. A crônica relata o instante da infância dividida entre a responsabilidade e sobrevivência, instigando-nos a pensar a existência dos “canalhas” às margens do mar dos encantados.

Nos **ensaios etnofotográficos** encontraremos mais trabalhos voltados a criança em contexto indígena e quilombola, como no **Aprender e cuidar: espaços de aprendizagem e cuidado com crianças indígenas**, de Luiz Carlos C. Cunha e Jéssica do Socorro Leite Corrêa, que trazem a sequência fotográfica de Tawewá e o filho Haziw, da etnia Tembê Tenetehar, na Escola Estadual Indígena Francisco Mágnio Tembê, do Alto Rio Guamá, para dialogar com questões que envolvem a educação escolar indígena e as perspectivas de aprendizado das crianças.

E no contexto do Quilombo Cacoal e Quatro bocas, no município de Inhangapi-PA, Emanuele Nazaré da Silva nos apresenta **Notas sobre as vivências de crianças numa comunidade quilombola: brincando e aprendendo**, com fotografias que narram uma caminha à coleta de Camapu (*Physalis angulata*), proporcionando um diálogo com as questões que enfatizam a importância do brincar para o desenvolvimento das crianças.

Ainda, Miguel de Nazaré Brito Picanço, desenvolve o ensaio **Saberes, fazeres e sabores do/no manguezal do Rio Araí**, localizada no meio rural, a 60 km do município de Augusto Corrêa, na região nordeste do estado do Pará. É um vilarejo com aproximadamente três mil habitantes, sendo uma das maiores comunidades rurais do município e tem como principais atividades produtivas a plantação de roça de mandioca e da pesca artesanal (PICANÇO, 2018). O autor destaca que “os Manguezais<sup>2</sup> são ecossistemas que apresentam uma alta biomassa e concentração de biodiversidade. A alta produtividade favorece a exploração destes ecossistemas por muitas populações que vivem tradicionalmente da mariscagem e da pesca artesanal” (SOUTO, 2004, P. 22), como é o caso de praticamente todos os habitantes da região do salgado paraense, em particular dos moradores de Araí.

Alessandro Campos, Lorena Costa e Rafael Sales apresentam o ensaio **Hoje é dia de dona Tereza Légua!**. O ensaio é composto por imagens capturadas durante a festa de Dona Tereza Légua deste ano, no Terreiro de Mina Nagô Nossa Senhora da Batalha, em Belém/ PA. A produção enfatiza as festas nas religiões afro-brasileiras como pontos centrais para a integração íntima de filhos e filhas, mães e pais de santo, divindades e a própria comunidade que existe em torno da casa de santo. Para os autores, nestas ocasiões, laços são feitos, refeitos e fortalecidos e questões resolvidas. Amigos se encontram e parentes, de sangue ou de santo, se reveem. São situações únicas marcadas pela celebração, alegria e respeito. Uma festa verdadeira, com acolhimento e carinho.

Na seção dos vídeos etnográficos, Odília Cardoso e César Martins de Souza nos apresentam o vídeo **São Tomé é uma festa**. A produção foi realizada na comunidade São Tomé com o seu Vicente, atualmente com 83 anos, o qual decidiu organizar uma festa de santo. A comunidade vive de acordo com normas que vão à contramão das sociedades capitalistas, pois enxerga nos mais velhos, a experiência e os saberes necessários ao processo de aprendizagem dos mais jovens, bem como para a existência social da localidade. Assim, as memórias dos mais velhos, sejam individuais ou construídas no coletivo da comunidade, compõem a sua vida social e apresentam uma riqueza de detalhes que só temos a chance de conhecer quando conversamos com pessoas como Seu Vicente.

Finalizamos a presente edição com a apresentação do vídeo etnográfico de Danilo Gustavo Silveira Asp e Jocenilda Pires de Sousa do Rosário, intitulado **Pesquisar para**

---

<sup>2</sup> De acordo com Souto (2004) “Os ecossistemas manguezais têm uma importância histórica na subsistência de comunidades pesqueiras através da utilização de variados recursos”. Essa posição do autor é confirmada pelos achados de [...] de depósitos de conchas, fragmentos de carapaças de crustáceos e restos de esqueletos de peixes (“sambaquis”), datados de 7.000 a 10.000 anos BP, evidenciam a utilização de áreas de manguezais pelos primeiros povos ameríndios da costa brasileira” (SCHAEFFER-NOVELLI; CINTRÓN-MOLERO 1999, apud SOUTO, 2004, p. 26).

**conhecer: história da comunidade**, que foi realizado na comunidade do Cocal, município de Tracuateua/ PA, no ano de 2016, trabalho efetuado em uma escola municipal com crianças do ensino fundamental, através de um projeto escolar que enfatizava pesquisar o patrimônio material e imaterial da comunidade com o auxílio dos moradores mais antigos que em diálogo com as crianças proporcionaram um compartilhamento de saberes que viabilizou o cultivo ao sentimento de pertença pelas crianças envolvidas no projeto.

Prof. Dr. Luis Junior Costa Saraiva  
Ma. Jéssica do Socorro Leite Corrêa